

Do método de investigação de Ockham ao pensamento científico moderno

From Ockham's research method to modern scientific thinking

FERNANDO ALVES GRUMICKER¹ / JOSÉ ATÍLIO PIRES DA SILVEIRA²

Resumo: O presente escrito visa uma exposição do pensamento de Guilherme de Ockham (1285-1347), ao que diz respeito ao caráter lógico de suas considerações sobre o nominalismo, como também, uma exposição do pensamento de Ockham sobre o problema dos universais. Se o universal é entendido como uma abstração quantitativa da realidade contingente, então, a ciência que até então se encontrava vinculada a conceitos metafísicos deveriam partir as suas investigações dos objetos particulares, se pretendiam alguma validade. Neste trabalho o objetivo será destacar a concepção metodológica da “navalha de Ockham” como um princípio da parcimônia, diante da crítica do autor à metafísica tradicional, visando a relevância de Ockham no pensamento moderno, já que o seu método de investigação parte de uma exigência para que o homem se volte para a natureza, e não a antecipe nas suas especulações. O método empregado neste artigo será uma investigação a partir de descrições com recursos às bibliografias, uma vez que o escrito visa a conceitualização acerca do posicionamento e, mais nomeadamente, da concepção lógica empregada por Ockham.

Palavras-chave: Lógica. Ciência. Universal. Conhecimento. Nominalismo.

Abstract: This writing aims at an exposition of William of Ockham's thought (1285-1347), regarding the logical character of his considerations on nominalism, as well as an exposition of Ockham's thought on the Problem of Universals. If the universal is understood as a quantitative abstraction from contingent reality, then science, which until then had been linked to metaphysical concepts, should start its investigations of particular objects if they intended some validity. In this work the objective will be to highlight the methodological conception of "Ockham's razor" as a principle of parsimony, regarding the author's criticism of traditional metaphysics; aiming at Ockham's relevance in modern thought, since his method of investigation starts from a requirement: for man to look at nature, and not to anticipate it in his speculations. The method employed in this article will be an investigation from descriptions with resources to bibliographies, since the writing aims at conceptualizing the positioning and, more specifically, the logical conception employed by Ockham.

Keywords: Logic. Science. Universal. Knowledge. Nominalism.

Uma primeira constatação introdutória

Guilherme de Ockham (1285-1347)³ foi um frade franciscano do século XIV, detêm das mais variadas contribuições para a lógica, a física e a teologia, assim

¹ Graduando no curso de Filosofia pela Universidade Estadual Do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Bolsista pelo Programa de Educação Tutorial (PET) de Filosofia. E-mail: grumickerfernando@gmail.com

² Professor do Colegiado de Graduação em Filosofia da UNIOESTE. E-mail: jose.silveira@unioeste.br.

³ Ockham foi além de filósofo, um lógico, e teólogo escolástico inglês, considerado por muitos como o “príncipe dos nominalistas”, doutrina na qual a existência dos universais é tomada como uma

como no que diz respeito às suas contribuições para a política. No entanto, não é totalmente evidente que a lógica empregada por Ockham seja constituída unicamente pela lógica silogística (ou de termos) aristotélica, mas também, emergem definições precisas do autor para as definições nominais e simbólicas que mais tarde na modernidade serão definitivas para a sintaxe na linguagem. De fato, as contribuições de Ockham para a ciência da lógica não são de modo algum uma mera maneira de dar consistência ainda maior à lógica aristotélica para a escolástica.

Ainda aqui, o nominalismo de Ockham deve ser destacado, sobre a parte lógica que faz referência direta aos nomes e aos próprios objetos que denotam os seus conceitos, do mesmo modo como a caracterização epistemológica do seu pensamento, a saber, a distinção entre conhecimento incompleto e conhecimento complexo, como critérios determinantes para aferir a verdade formal ou contingente de uma proposição, seja ela a respeito dos termos que denotam objetos ligados ao mundo contingente, para aferir a validade enquanto intuição do termo, seja para a verificação de uma dada proposição a partir da abstração da contingência. A esta última, Ockham chamará de conhecimento abstrato, assim, um conceito como ‘circularidade’ é um conceito “extraído de muitos objetos individuais” (REALE, 1990, p. 620), desta maneira, o caráter universal abstraído de uma multiplicidade de individuais⁴ é, segundo Ockham, um mero *flatus vocis*⁵, uma vez que o conceito de universalidade não é um conceito que se entende como vinculado à realidade empírica (sensível), mas um mero nome significado a partir da abstração da multiplicidade de individuais.

Ao que se refere à lógica propriamente dita, trata-se de nomes empregados em proposições, de fato, assim como para Aristóteles⁶, Ockham chama de termo o que a proposição consiste, o lugar onde o termo ocupa, constitui o valor formal da proposição. Não obstante, a sua investigação acerca dos termos das proposições vai constituir, em suas obras, no primado da experiência junto com a concepção individual da natureza (vejamos mais adiante como são rejeitados os conceitos metafísicos por Ockham), constituirá, então, a base de um método de investigação natural.

discussão meramente verbal e fonética, isto é, onde o conceito de universalidade é entendido como um mero conceito desprovido de realidade concreta.

⁴ Tomamos aqui como exemplo para auxílio do leitor, a multiplicidade de objetos redondos, o que há de comum entre eles é a forma, portanto, da abstração do conteúdo para a forma, surgirá o conceito de circularidade como um conhecimento abstrativo. Afirma-se, portanto, que abstraindo de uma multiplicidade de objetos a sua forma, podemos ter um conhecimento abstrato de tais objetos, tal abstração, no pensamento de Ockham, refere-se à um conceito abstraído de objetos.

⁵ Emissão fonética.

⁶ “Designo por termo aquilo em que uma premissa se resolve, isto é, o predicado e o sujeito acerca do qual se afirma, quer o verbo ser lhe esteja junto, quer o não ser esteja separado” (ARISTÓTELES, 1986, p. 11).

Entende-se por ciência moderna, o desenvolvimento da filosofia natural⁷, partindo da investigação da natureza com um rigor metodológico, isto é, a maneira de investigação que aproxima a experimentação e observação com uma abordagem técnica e metodológica. Mostraremos como a exigência de um método de Ockham se assemelham com alguns dos conceitos e ideias de filósofos da modernidade, em especial, aos de Bacon, Descartes e Kant, como também a maneira que tais ideias parecem ser antecipadas por Ockham e influenciado, em certa medida, o pensamento moderno para o advento da ciência moderna.

Da verdade das proposições segundo os termos da lógica

Ockham toma por termo de três modos, que se referem à maneira como podemos falar deles, são os seguintes: os termos proferidos⁸, escritos e concebidos⁹, afirma assim que podemos conceber os termos dessas maneiras. No entanto, o próprio termo ainda pode ser entendido de dois modos diversos ao que tange às predicções e ao conhecimento, a saber, os termos categoremáticos e sincategoremáticos, o primeiro se refere aos nomes que denotam categorias específicas como ‘homem’, que no geral “significa todos os homens” (Ockham, 1999, p. 126); o segundo referem-se à nomes que não são tomados com significações isoladamente mas sim acrescentando alguma coisa a ele, Ockham chama de termos sincategoremáticos, termos que não significam algo isoladamente, por exemplo: ‘todos’, ‘brancura’, ‘circuladidade’ (mas todos o que?, brancura de que?) e assim por diante, uma vez que o termo precisa de um conceito colocado para significar, assim “cumpre dizer que não é chamada significativa por significar algo determinado, mas por que faz outra significar” (Ockham, 1999, p. 127), com efeito, nem todos os termos tem um significado definitivo e significam isoladamente algo de modo específico como é o caso dos termos categoremáticos.

Ainda aqui os termos podem ser entendidos de acordo a dois tipos de conhecimentos, a saber, o conhecimento incompleto e conhecimento complexo. O conhecimento incompleto refere-se ao conhecimento dos termos de uma proposição e aos objetos que eles se referem. O conhecimento complexo, no entanto, diz respeito às proposições que resultam dos termos de um argumento.

O conhecimento incompleto que, para Ockham, nos permite aferir sobre a verdade de determinados termos categoremáticos, razão pela qual, este tipo de

⁷ Notamos que o conceito de filosofia natural é empregado por Ockham em suas obras como uma investigação da natureza, o que mais tarde na história do pensamento filosófico e principalmente o pensamento moderno, será definido como investigação científica. Portanto, Ockham ao empregar o conceito de filosofia natural faz referência a uma investigação objetiva.

⁸ Os termos proferidos, trata-se do termo em uma proposição onde ocorre a locução, assim, segundo Ockham (1999, p. 119) “o termo proferido é a parte da proposição proferida pela boca e capaz de ser ouvida pelo ouvido corporal”

⁹ O termo concebido se refere à intenção do indivíduo significando algo e constitui uma proposição mental, suscetível de ser parte da proposição mental e por ela significar algo.

conhecimento que será a ponto de partida para a investigação epistemológica a respeito dos termos das proposições. O conhecimento incompleto pode ser por sua vez duplo. De um lado se refere ao conhecimento intuitivo¹⁰ e abstrativo, e é exatamente ao conhecimento abstrativo que Ockham dará ênfase em sua crítica à metafísica tradicional. Por outro lado, o conhecimento intuitivo que dirá a validade de uma proposição a de acordo ao método empregado por Ockham, uma vez que essa se compõe de termos e os termos por sua vez podem ser intuídos, uma vez que denotam objetos particulares da experiência dos sujeitos. Assim, o conhecimento incompleto intuitivo dirá se uma proposição é válida segundo a intuição de seus termos. A proposição “o homem é um bípede” só pode ser aferida a sua validade de maneira intuitiva, é dizer que a verdade de uma proposição depende da intuição dos termos que a compõe.

Portanto, o conhecimento incompleto intuitivo é o conhecimento de onde parte a experiência sensível e é apenas esta que ditará se uma proposição é verdadeira segundo a sua relação com o mundo sensível. Sobre isto nos diz Ockham:

O conhecimento simples, próprio do singular e primeiro sob esse aspecto é o conhecimento intuitivo. Que esse conhecimento seja o primeiro, vê-se pelo fato de que o conhecimento abstrativo do singular pressupõe a intuição a respeito do mesmo objeto, e não vice-versa (Ockham, 1973, p. 352)

36

De um lado, o conhecimento intuitivo trata de objetos particulares enquanto possuidores de realidade e suscetíveis de serem localizados na experiência. Por outro lado, o conhecimento abstrativo se refere ao conhecimento abstraído de uma multiplicidade de objetos singulares e a isso se chamará posteriormente de universal, enquanto abstração de propriedades de objetos particulares, também que diz respeito ao conhecimento das qualidades de certos objetos particulares, segundo Reale (1990, p. 619) “os dois conhecimentos são intrinsecamente distintos porque cada qual tem o seu próprio ser: o primeiro diz respeito a juízos de existência, o segundo não”. De que modo, portanto, na distinção entre conhecimento intuitivo e abstrativo poderíamos falar de verdade de uma proposição? Ockham entende que são os termos de uma proposição que denotam objetos da experiência e não a abstração das qualidades dos objetos, tampouco a abstração da multiplicidade para formar uma universalidade, assim, como exemplo, na proposição “a grama é verde” podem ser entendidos, segundo a intuição do termo “grama” e seu predicado “verde”, é necessário que os termos sejam significativos. É apenas com a intuição dos termos da proposição que a própria proposição poderá ser validada ou rejeitada, partindo do conhecimento incompleto, independentemente de como fazemos referência a tal termo, seja proferido, escrito ou concebido.

¹⁰ Intuição se refere à maneira imediata de se conceber diretamente um dado objeto da experiência.

Francis Bacon (1561-1626), filósofo inglês, compartilha, desta concepção de Ockham, segundo a ideia pela qual a nova lógica apresentada em sua obra “*Novum Organum*” (1620), junto com a experiência, pode fornecer bons resultados à investigação, uma vez que a sua obra pressupõe um método de investigação pautado na experimentação. Isto segue-se da concepção pela qual a lógica indutiva é um caminho seguro para a filosofia natural, segundo séries de enumerações de observações, como também para a testabilidade de leis axiomáticas. Bacon parte da concepção de que a *lógica vulgar*¹¹, a de termos isoladamente, sem recurso da experiência se torna infrutífera para a ampliação do nosso conhecimento da natureza.

Bacon utiliza-se da lógica indutiva para validação de axiomas, como também para a descoberta de novas informações a respeito da natureza. No entanto, não se trata de que a indução de Bacon parte de *cima para baixo*, isto é, das premissas para a observação, mas que procura dar cabo de elaboração de hipóteses e leis gerais a partir da observação, isto é, de *baixo para cima*, de acordo com a observação para a elaboração de argumentos e axiomas. Sobre esta questão, Bacon nos diz:

E as indicações acerca da interpretação da natureza compreendem duas partes gerais: a primeira, que consiste em estabelecer e fazer surgir os axiomas da experiência; a segunda, em deduzir e derivar experimentos novos dos axiomas (BACON, 1973, p. 108)

37

Partindo desta abordagem, a indução de Bacon é pautada antes na observação para a elaboração de axiomas da experiência, segundo os axiomas simples já aceitos, para uma nova observação para aferir se é o caso da natureza se comportar como a prescrição da hipótese. Assim, a lógica indutiva parte da observação para a elaboração de axiomas cada vez mais gerais e observáveis. Ao mesmo tempo, os termos dos axiomas se referem ao mundo pautados numa estrutura de referência observável.

Apesar de que a abordagem de Ockham seja semelhante com a de Bacon no que se refere à experiência, a lógica empregada por Ockham parte de *cima para baixo*, no sentido de recorrer à observação das premissas e dos termos de um silogismo e suas conclusões, contrariamente à Bacon que inicia a elaboração de axiomas a partir da observação e os coloca à prova, mediante a experiência.

Portanto, Ockham não é um indutivista no sentido de pressupor que a ciência começa com a observação simplesmente, mas parte da composição e da estrutura lógica de argumentos para a observação e a validação dos argumentos. É interessante notar como estas concepções tão parecidas e historicamente separadas

¹¹ Bacon afirma que “lógica tal como é hoje usada mais vale para consolidar e perpetuar erros, fundados em noções vulgares, que para a indagação da verdade, de sorte que é mais danosa que útil” (BACON, 1973, p. 21)

mantêm uma relação. Com Ockham vê-se a abordagem lógica e o recurso à observação, enquanto em Bacon temos algo semelhante a um desenvolvimento dessa perspectiva de empregar a experiência, tanto no sentido de elaboração hipóteses e de recorrer à experiência para a investigação de axiomas, quanto no sentido de elaborar axiomas partindo da experimentação.

O princípio da economia da razão: a exigência de simplicidade

O que ficou conhecido como a “navalha de Ockham” trata-se de um princípio da parcimônia onde as proposições com termos devem ser de menor número, é dizer que um argumento que se constitui de proposições menores é um argumento melhor de acordo à sua simplicidade em relação a um argumento onde as premissas se multiplicam. Entre dois argumentos semelhantes, a navalha de Ockham pressupõe que o argumento mais simples seja o mais viável. Assim, os argumentos que pretendem fazer provas meramente racionais devem admitir o número mínimo de premissas.

Ockham não pretende dizer de modo algum que os argumentos com mais premissas, complexos, por conseguinte, que admitem a multiplicação dos termos das proposições de uma maneira que a sua premissa seja fraca e conclusão por sua vez, se torne forte, seja um argumento inválido. Pelo contrário, não se trata aqui da verdade de um argumento e a navalha de Ockham não é um método para determinar a validade de um argumento ou a sua invalidade, mas demonstra ser sugestivo, enquanto um método que impeça a multiplicidade de premissas para uma conclusão e a sua conjunção com demais proposições. Deste modo, o que o método pretende é um cânon para a elaboração de argumentos segundo a consistência da simplicidade, admite-se assim que um argumento seja mais consistente em uma relação proporcional com a sua simplicidade.

Esta abordagem metodológica faz com que sejam dissolvidas as proposições meramente especulativas da metafísica tradicional, como o platonismo, o ser analógico de Tomás de Aquino¹² e entre outras posições escolásticas e teológicas. Ockham pressupõe que as proposições enunciadas em argumentos e a metafísica que pressupõe um termo na proposição sem o seu respaldo direto com a experiência também precisa ser tomado como um argumento que viola a economia da razão¹³ já que conhecemos das coisas apenas a sua predicação e não a sua “substância” que é, na metafísica tradicional um termo demasiadamente empregado nas proposições.

Esta concepção abre uma variedade de possibilidades para aferir conceitos do campo racional como também os termos empregados nas proposições no campo da

¹² Doutrina segundo a qual há uma relação entre a imagem de Deus e o homem.

¹³ A separação feita entre os termos empregados na lógica e a natureza, “permite a Ockham tratar os termos como se fossem puros símbolos e relacioná-los entre si sem se ocupar da realidade designada” (REALE, 1990, p. 624).

fé. Os argumentos que compõe proposições e as proposições com termos, onde o termo é um conceito que denota um objeto, pertence, pois, ao conhecimento racional o conceito de um objeto, seu termo na proposição e o objeto intuído que o conceito denota. Ockham é enfático ao observar que em uma proposição onde o termo é um conceito metafísico — como a universalidade, Deus¹⁴, anjo e assim por diante — não detêm de intuição empírica, dissolve-se as pretensões de verdade meramente formais das proposições gnosiológicas e teológicas que por sua vez são restritas do campo da metafísica e da própria fé. Sobre isto, afirma Gilson:

As únicas proposições evidentes são aquelas onde o predicado está incluído no conceito do sujeito; ora, como todos os nossos conhecimentos são emprestados da experiência sensível, não temos conceito de Deus; portanto não podemos afirmar nenhuma proposição evidente a seu respeito” (GILSON, 1995, p. 821)

Assim, a crítica à metafísica tradicional feita por Ockham é justificada, pois os conceitos empregados que pretendem ter universalidade jamais serão suscetíveis de intuição na experiência possível. Portanto, se o conceito de Deus é um conceito ininteligível de maneira individual, já que para este conceito não encontramos a sua intuição na experiência, ele permanecerá ao terreno da fé e não da filosofia. Ockham coloca uma demarcação entre dois campos de pesquisa, uma vez que a verdade de um conceito (ou de um termo) apenas pode ser aferida conforme a intuição possível do mesmo, assim, como consequência, os termos proferidos como conceitos abstratos não passam de meras emissões fonéticas. Podem ser objeto de um discurso, mas nunca conhecidas pelo homem enquanto um conceito com conteúdo existencial definitivo.

Também Bacon em sua crítica à abordagem na investigação científica do seu tempo, afirma a necessidade de um método rigoroso para a investigação. Afirma que o método seguro seria o de partir de axiomas simples para axiomas intermediários e das observações empíricas para uma estrutura com sentido. Assim, partindo da simplicidade a uma complexidade. Bacon nos diz:

Resta-nos um único e simples método, para alcançar os nossos intentos: levar os homens aos próprios fatos particulares e às suas séries e ordens, a fim de que eles, por si mesmos, se sintam obrigados a renunciar às suas noções e comecem a habituar-se ao trato direto das coisas. (BACON, 1973, p. 26)

Com isso Bacon afirma a necessidade de uma abordagem mais objetiva,

¹⁴ Com isso, não queremos afirmar que Ockham mantém uma posição ateísta, mas que coloca os conceitos sem correspondência com a experiência em um conjunto vazio e inacessível aos homens pela sua contradição, assim, separa os campos da fé e da razão, respectivamente, da teologia e da filosofia. Mantendo uma posição rica, no sentido de distinguir um campo de investigação da natureza de um campo do discurso.

apondo-se as antecipações e especulações. Colocando as *falsas noções* em questão, isto é, a maneira pela qual a abordagem de investigação até então que se encontrava estarecida. Ao mesmo tempo que a posição empirista de Bacon mantém uma abordagem segundo a qual os axiomas precisam ser confirmados através de minuciosas observações para não acontecerem generalizações apressadas, também, coloca a observação como um critério para a verdade.

Tanto Ockham quanto Bacon, concordam com uma exigência de simplicidade no momento de partir para uma investigação, seja da que parte da lógica (axiomática), seja empírica. Ockham coloca a concepção aristotélica “à dupla prova de um empirismo radical e de uma crítica *a priori* cuja única regra é o princípio da identidade” (GILSON, 1995, p. 838), assim, o método que exige a correspondência do conceito com o objeto segue o princípio lógico do próprio termo que deve ser igual ao objeto da experiência.

Aqui podemos nos interrogar a diferença entre a exigência de Ockham e o método de Francis Bacon, de fato, a diferença entre Ockham e Bacon se resume no fato de que a tradição de investigação é totalmente diversa, ainda assim, as exigências de um método científico pautado na experimentação seguem-se semelhantes, no entanto, o recuso que Ockham faz da lógica, aferindo os argumentos válidos de uma dupla prova de observação, ou seja, de aferir tanto as premissas quanto a conclusão de um argumento silogístico, por exemplo, se segue da ideia de que a lógica se faz necessária como um método dedutivo e o recuso à experimentação para a validação de argumentos.

Em Bacon a indução é empregada como método para que o homem conheça as regularidades da natureza para a formulação de leis gerais na ciência partindo de uma indução. Sua teoria a respeito dos quatro ídolos¹⁵, revela uma semelhança nítida com Ockham, já que Ockham coloca um peso como crítica à abordagem escolástica e à metafísica tradicional. Em Bacon essa crítica é voltada para a posição do homem em relação à natureza, de modo que declara a necessidade para que o homem se coloque diante da natureza sem nenhuma superstição ou idiossincrasia, reme à expurgação dos ídolos da mente dos homens. Afirma Bacon (1973, p. 26):

Os ídolos e noções falsas que ora ocupam o intelecto humano e nele se acham implantados não somente o obstruem a ponto de ser difícil o acesso da verdade, como, mesmo depois de seu pórtico logrado e descerrado, poderão ressurgir como obstáculo à própria instauração das ciências, a não ser que os homens, já precavidos contra eles, se cuidem o mais que possam.

Bacon nos remete à exigência de que o homem expurgue de si as generalizações desmedidas, de recorrer às obras de filósofos e não diretamente à

¹⁵ A saber, os ídolos do foro, do teatro, da caverna, e os ídolos da tribo.

natureza, como também, da imposição das ideias à natureza com o intuito de forçá-la a se comportar de acordo com os ideais humanos, já que entende que a natureza é independente do homem.

Outro eminente filósofo moderno que também recorre a uma exigência de simplicidade ao abordar o método da ciência é René Descartes (1596- 1650), em sua obra “Discurso do Método”, elabora uma série de preceitos, segundo os quais mantém a ideia metafórica de que um método de procedimento seria “como a multiplicidade de leis frequentemente fornece desculpas aos vícios, de modo que um Estado é bem melhor regrado quando, tendo pouquíssimas leis, elas são rigorosamente observadas” (Descartes, 2001, p. 22), dessa maneira, a estrutura da qual Descartes faz referência é a maneira pela qual os objetos de conhecimento se coloca nos homens. Se trata de uma maneira de se fazer fiel à simplicidade aos objetos e ao modo de os conceber.

Assim, recorrendo à simplicidade, maneira pela qual se deve conceber os objetos no entendimento, Descartes em um dos seus preceitos coloca que:

[...] conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos; e supondo certa ordem mesmo entre aqueles que não se precedem naturalmente uns aos outros (DESCARTES, 2001, p. 23).

41

Este terceiro preceito de Descartes mostra a maneira como o seu método se torna gradual segundo a dificuldade de concedimento de ideias, por se tratar do seu racionalismo, ao contrário de Bacon, Descartes pressupõe uma abordagem dinâmica em termos de permissividade de pensamento. A metodologia científica cartesiana ganhou grande consistência, mais tarde desenvolvida por Isaac Newton (apesar da crítica newtoniana à posição cartesiana), com bases experimentais na física principalmente no que toca o pensamento mecanicista.

Tal metodologia científica que encontramos em Descartes parte da decomposição, partindo inicialmente das ciências matemáticas, busca uma exatidão no procedimento científico, para atingir e demonstrar a verdade partindo dos objetos mais simples aos mais complexos, ao mesmo tempo, tal abordagem se trata de uma base segura para o conhecimento e seu progresso nas ciências.

Coincidem intimamente o método de Bacon e Descartes e suas exigências de simplicidade, com o pensamento de Ockham e seu princípio da parcimônia. Uma vez que Ockham demonstra a necessidade de simplicidade em argumentações lógicas e discursivas, para a possível validação de tais argumentações com respaldo na experiência, Descartes e Bacon, por outro lado, apesar de manterem uma posição contrária entre si, dado ao racionalismo cartesiano e ao empirismo de Bacon. Coincidem também em suas exigências de simplicidade, já que para Bacon se faz

necessário partir de axiomas e observações mais simples para uma estrutura ordenada e complexa pautada em termos observacionais. Em Descartes, encontramos um procedimento metodológico de partir de objetos simples para os mais compostos na investigação filosófica.

O nominalismo: o problema do conhecimento abstrativo

A problemática aqui se refere ao ponto em que o conhecimento abstrativo provém do conhecimento intuitivo, não se trata de um dualismo epistemológico ao qual ambos os conhecimentos seriam opostos ou travariam uma guerra dicotomia, no entanto, cumpre destacar que Ockham pensa o uso prático e argumentativo desses tipos de conhecimentos, a saber, o mal uso dos conceitos advindos do âmbito abstrativo pode fazer que um sujeito pense que tenha o conhecimento de um objeto real, no sentido concreto, mas que se trata do oposto disso, o conhecimento de um mero conceito, a problemática se coloca sobre como se dá o complemento entre o conhecimento intuitivo e o abstrativo ou, ainda, existiriam conceitos abstratos que não seriam possíveis de intuição sensível? Ockham nos dirá que apesar do conhecimento abstrativo ser originado do conhecimento dos objetos da experiência, qualquer conceito que não detém de uma intuição possível é um conhecimento abstrato e desprovido de constatação ao que concerne à realidade deles na natureza, mas que apesar disso, tais conceitos pertenceriam ao campo do discurso.

Analogamente, podemos agora nos referir a distinção entre pensar e conhecer, elaborado mais eminentemente por Immanuel Kant (1724-1804), encontramos aqui uma concepção bastante parecida com a de Ockham, uma vez que se trata da distinção entre meros conceitos e a possibilidade do conhecimento a partir da intuição. Nos diz Kant (2001, p. 114-115):

Intuição e conceitos constituem, pois, os elementos de todo o nosso conhecimento [...] sem a sensibilidade, nenhum objeto nos seria dado; sem o entendimento, nenhum seria pensado. Pensamentos sem conteúdo são vazios; intuições sem conceitos são cegas [...]. O entendimento nada pode intuir e os sentidos nada podem pensar.

Se um conceito apenas pensado não detém de intuição sensível se trata de um mero pensamento por conceitos. No entanto, se um conceito detém de intuição correspondente a um objeto podemos saber de suas qualidades e de seus acidentes, tornando-se, portanto, um conhecimento intuitivo.

Desta maneira, os conceitos metafísicos — como a totalidade e conceitos com pretensões de universalidade como “espécie” ou “gênero” — são conceitos abstraídos da experiência, no entanto, não se referem a objetos universais (já que estes são conteúdos vazios) senão a objetos individuais. Assim, os conceitos universais não podem ser entendidos de modo algum como um conhecimento intuitivo, mas um conhecimento complexo, abstraído da experiência dos objetos

singulares, isto quer dizer que “nenhuma coisa pode ser conhecida em si por nós abstrativamente por meios puramente naturais, sem ter sido conhecida antes intuitivamente” (OCKHAM, 1973, 386), nos remetemos ao conhecimento intuitivo como sendo este o que promove o conhecimento dos objetos aos quais os termos se referem.

Partindo do conhecimento abstrativo, eles podem ser de dois modos, a saber, do abstração da experiência para a formação de conceitos da multiplicidade e, da abstração da multiplicidade e de suas qualidades (abstração do conteúdo) para o pensamento formal do objeto, de outro modo, os nomes abstratos convergem. De acordo a Reale, o conhecimento abstrativo “pressupõe e é posterior à sua apreensão” (REALE, 1990, p. 619), ou seja, o objeto se encontra após seu conceito, uma vez que carrega consigo a forma da intuição. Ao que tange ao nominalismo, o conhecimento abstrativo que será entendido como o precursor que levará os homens a afirmarem conceitos universais e metafísicos que por sua vez, como afirmamos anteriormente, não se tratam de conceitos com intuições correspondentes, mas conceitos formados a partir do múltiplo da experiência abstraído, deste modo, a problemática se encontra no fato de que não podemos encontrar na experiência os conceitos abstraídos (como totalidade ou universalidade), uma vez que precisam corresponder a objetos particulares.

De acordo a Ockham, a realidade é composta de objetos individuais e não universais, uma vez que a intuição dos conceitos apenas pode ser aferida de modo individual, os conceitos metafísicos que pretendem universalidade ainda apenas podem ser possíveis como conceitos pensados (no campo do discurso), mas sem objeto correspondente na experiência. Assim, as proposições que possuem termos universais são proposições carentes de intuições e por sua vez desprovidas de realidade, não são significativas isoladamente, assim como um termo sincategoremático não é significativo separadamente.

Tal concepção também aparece na “Crítica da Razão Pura” de Kant, uma vez faz que o filósofo alemão faz uma distinção entre pensamento por conceitos e o conhecimento de tais conceitos no entendimento. A razão pode, de acordo à Kant, pensar por si mesma elaborando sínteses entre conceitos (numenom), mesmo que tais conceitos não seja possíveis de serem encontrados na experiência (femomeno), ainda, de uma representação de um objeto da experiência no sujeito “não se conclui que toda a representação intuitiva das coisas exteriores implique a existência dessas mesmas coisas” (KANT, 2001 ,p. 272) uma vez que o conceito para ser pensado não necessariamente precise estar ligado à sensibilidade.

Esta distinção é de grande importância para uma distinção entre a razão e a experiência, uma vez que poupa ao investigador ingênuo o esforço de procurar na experiência os conceitos pensados e sem intuição possível. Assim como a lógica e a matemática haviam construído um caminho seguro como ciência até Newton, para

Kant, também a filosofia deveria encontrar um caminho seguro. Descartes ainda não havia instituído as bases segundo o método dos matemáticos nas “Meditações Metafísicas”, uma vez que recorria à Deus para fundamentar as suas pretensões de verdade, tampouco Bacon e o empirismo junto ao indutivismo o fizeram. O que Kant traz em sua posição é ressaltar a necessidade de uma metodologia que leve em consideração tanto a razão quanto a experiência.

Ockham, no entanto, é da perspectiva de que a base mais viável para o desenvolvimento do conhecimento é através da intuição de conceitos, que a lógica serve como um apoio para a investigação da filosofia natural. Emergem aqui situações bastante parecidas com as pretensões de Kant de instituir um caminho seguro para a filosofia, ainda que em Ockham tal noção se encontre em um estado embrionário.

A ciência pensada através dos objetos individuais

Ockham recusa o realismo franciscano revelando uma posição nominalista totalmente oposta à tradição que encontrava no seu século, de acordo a Huisman (2001, p. 735) “Duns Escoto, que era franciscano, defenderá com algumas variantes um ponto de vista realista. A novidade é que Ockham, defende um nominalismo totalmente oposto a tradição de sua ordem”. Para destacar esta posição ímpar de Ockham e seu pensamento, sua posição se resume em que é totalmente absurdo que as espécies e gêneros sejam tomadas como universais já que estes apenas se sobrepõem aos indivíduos singulares. Dado a este motivo, o único método de investigação que pertence ao terreno da razão e da filosofia é o método da investigação que parte dos objetos individuais. A ciência terá de ter como ofício a investigação de objetos particulares e não de meras conceitos restritos que não se referem à experiência. Assim sendo, uma vez que os conceitos universais não denotam objetos dados, serão meros conceitos sem um uso para a ciência, no entanto, detêm de um uso linguístico no terreno do discurso.

A lógica é o instrumento pelo qual poderá se fazer análises a respeito das proposições da ciência, separando os campos do discurso e da realidade (ou natureza), Ockham atribuí à lógica um papel de suma importância ao que tange à avaliação dos termos no que se refere à validade das proposições, ou seja, uma proposição apenas será válida conforme o seu termo denote algum objeto da experiência. Assim, o carácter da intuição do conceito na experiência é a justificação da proposição, é ela que confere a validação de uma hipótese e/ou argumento.

Partindo desta perspectiva, a ciência que até então se encontrava sem um método definido, ao ser rigor vai ser entendida por Ockham pelo seu objeto de

estudo e não de acordo com o grau de universalidade pensada pelos escolásticos¹⁶, aqui a natureza é entendida como uma reunião de individuais, e estes que irão compor o objeto de investigação da ciência, de acordo ao autor. Seu método, portanto, se refere à distinção entre discurso e natureza, de investigação e antecipação.

Sem dúvida, é com Bacon que a concepção de investigação de um todo constituído por particulares, ganha mais notoriedade, uma vez que:

[...] os axiomas reta e ordenadamente abstraídos [no sentido de serem intuídos] dos fatos particulares, [...] facilmente indicam e designam novos fatos particulares e, por essa via, tornam ativas as ciências (BACON, 1973, p. 23).

A ciência apenas poderá ser entendida de acordo com o seu objeto de investigação, ou seja, os objetos individuais, já que o conhecimento dos objetos pela experiência jamais é o conhecimento das espécies e de suas categorias formais abstratas, mas de suas propriedades específicas segundo cada objeto singular, apesar disso, o objeto singular não é entendido aqui como uma expressão escrita significada pelo campo da linguagem e se restringe a ela, nem mesmo o singular como no caso dos conceitos que pretendem ter universalidade devem ser entendidos como um símbolo expresso em palavras.

Um método para a investigação científica definido foi de grande importância para o advento da ciência moderna, com Bacon e ao mesmo tempo com o pensamento mecanicista, em especial o de Descartes. Este pensamento bastante frutífero, sem dúvida, possibilitou à humanidade novos horizontes de práticas, experimentação e técnicas, Ockham anterior a tais pensamentos da modernidade, voltados para a ciência, ainda antecipa muitos pressupostos do pensamento científico moderno.

Como falamos anteriormente, o individual é possuidor de características e este que deve ser entendido como pertencente à realidade externa ao sujeito, uma vez que são estes objetos que são os primeiros conhecimentos intuídos através da experiência, Gilson ao referir-se a esse tipo de conhecimento nos diz que “todo conhecimento universal é, em certo sentido, conhecimento de uma coisa singular” (GILSON, 1995, p. 360), assim sendo, para o conhecimento científico (ou filosofia

¹⁶ Para os aristotélicos escolásticos, a ciência deveria ter por objeto tudo o que se fazia universal e consolidava com os aspectos de necessidade. Assim, a realidade contingente não é universal e necessária, portanto, se conclui que a ciência deve ser apenas o que tem Deus por seu objeto já que Deus é o que há de maior universalidade e necessidade. Portanto, o estudo da realidade contingente não pode ser entendido como ciência, nem a física ou a biologia podem o ser por conterem em seus estudos objetos externos ao sujeito. Por esta razão, apenas conceberia como o objeto da ciência o resultado de uma conclusão, assim, o que a conclusão significa é o objeto da ciência que não teria outra realidade que a realidade mental, assim sendo, pertence à esfera do sujeito cognoscente o conteúdo da ciência e não ao que é exterior ao sujeito.

natural) deve-se tratar de objetos bem delimitados. Ockham rejeita conceitos de concepções como os daqueles que colocam uma a teleologia na natureza, assim, mantém uma posição bastante distinta de Aristóteles por entender a física recorrendo à lógica a à experiência, Ockham entende o movimento de corpos como objetos individuais, mas não faz uso de conceitos metafísico-físicos, afirma que o movimento apenas é uma ação recíproca entre objetos singulares, ao contrário da concepção Aristotélica na qual entende todo o movimento como uma predisposição dos corpos para um lugar natural no cosmo.

Assim, Ockham mantém uma posição quantitativa sobre os objetos da experiência uma vez que a realidade é composta com objetos singulares, ainda aqui, a filosofia natural apenas conheceria dos objetos as qualidades e seus acidentes, e não as substâncias últimas das coisas, também Bacon compartilha dessa concepção.

A posição quantitativa deixa de lado a concepção qualitativa das causas e dos acontecimentos naturais explicados pela tradição escolástica. De fato, Ockham nega a afirmação da cosmologia aristotélica de que tudo estaria sujeito a leis universais teleológicas que ordenariam a *physis*, também nega as hipóteses especulativas a respeito da causa última da realidade, portanto, Ockham mantém-se na posição ímpar do seu tempo, não nega que a especulação não seja útil ao homem, como o faz Bacon, no entanto, Ockham nos diz que a especulação de nada serve caso não esteja baseada em postulados da experiência.

De fato, as conclusões a que chegou Ockham, seus métodos, exigências e princípios empregados, especialmente na lógica e no método de investigação da natureza e de prova de argumentos, nos permitem afirmar que não se trata de uma mera especulação o modo pelo qual procedeu, pelo contrário, o autor tratou com elas de interceptar as proposições em relação com a própria experiência. Até mesmo Kant na obra “Crítica Da Razão Pura” afirma que boa parte de nossos conhecimentos derivam da experiência.

Outra questão é a proximidade aparente de Ockham com o pensamento contemporâneo do empirismo lógico e, o princípio de verificação do Círculo de Viena, se tomamos como ponto de partida a concepção verificacionista de Wittgstein e Carnap, encontramos uma proximidade com as ideias do uso da lógica e a verificabilidade das proposições formais na experiência. Apesar dessa aparente semelhança, Ockham em nenhum momento traz consigo a ideia da possibilidade de universalização das proposições como os filósofos do Círculo de Viena. Tampouco a exigência de se voltar para a natureza, para aferir os termos da logicamente com o recurso da experiência, se aproxima com o confirmacionismo de Carnap, uma vez que tal tipo de método de teste de teorias científicas, além de serem considerados como estáticos (pois ditam um método de proceder que não diz respeito ao caráter temporal de mudanças metodológicas nas ciências), também recorrem a uma indução e, especialmente em Carnap, ainda aborda uma perspectiva de graus de

confirmação probabilística das teorias científicas, no sentido de que uma teoria tivesse um grau de verdade maior que outra.

Considerações finais

É claro que o advento do pensamento científico da modernidade começou com Bacon, seguido do método experimental junto com o a matematização da natureza, que levou Galileu às descobertas na astronomia, à objetividade e conseqüentemente a uma revolução científica. No entanto, separado de Galileu por mais de duzentos anos, Ockham ainda antecipa uma grande magnitude de problemas metodológicos enfrentados pelos filósofos modernos, ao mesmo tempo em que seu pensamento traz um rompimento com a tradição escolástica.

O pensamento lógico de Ockham e a sua posição nominalista, colocam uma demarcação para a distinção entre os campos da razão e da fé; do campo do discurso e da realidade empírica. Nos permite aferir o pensamento pelo qual será de grande êxito para o surgimento da ciência moderna, isto é, a experimentação e a objetividade, o rigor metodológico, como também as exigências de partir com a investigação dos objetos mais simples e menos problemáticos para os mais complexos.

O método de Ockham para a verificação das proposições faz com que os campos da teologia e da filosofia racional se separem de tal modo que os argumentos metafísicos da escolástica percam peso e inversamente, dita os limites da razão em relação com os argumentos empregados discursivamente, que se coloque a razão em seu lugar definitivo, também faz com que a metafísica aristotélica e a sua teleologia como explicação da física e de toda a natureza sejam suplantadas por uma visão da contingência dos objetos individuais e a suas relações recíprocas. A exigência de investigação dos objetos singulares que constitui o próprio objeto da ciência, de maneira que a ciência seja definida pelo seu objeto de estudo é uma visão ímpar que está intimamente ligada com a exigência de uma objetividade nas científicas pelos filósofos modernos, que Ockham já antevia.

Ao contrário dos teólogos aristotélicos, o método de Ockham com a exigência da experiência e as intuições dos termos da lógica na natureza, cumpre definitivamente o requisito para a investigação sem nenhuma idiosincrasia humana. Portanto, Ockham tem como base, tanto a razão quanto a experiência, a primeira pelo entendimento dos termos das proposições, o segundo como critério para a justificação do significado das proposições conforme a experiência, levando em conta um único árbitro implacável para validação das proposições: a natureza.

Referências

AQUINO, T. *Seleção de textos*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985 (Coleção Os Pensadores).

- ARISTÓTELES. *Analíticos anteriores*. Lisboa: Guimarães Editores, 1986.
- BACON, F. *Novum Organum*. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).
- DESCARTES, R. *Discurso do método*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GILSON, E. *A filosofia na Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- HUISMAN, D. *Dicionário dos filósofos*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KANT, I. *Crítica da razão pura*. 5.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- OCKHAM, G. *Seleção de textos*. São Paulo: Abril cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).
- _____. *Lógica dos termos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- REALE, G. *História da filosofia: antiguidade e Idade Média*. 3. ed. São Paulo: PAULUS, 1990.

Submissão: 01. 06. 2021

Aceite: 30. 08. 2021